
A OPRESSÃO NA INFÂNCIA VISTA SOB OS VIESES DE MARIO DE ANDRADE E DE MONTEIRO LOBATO: ANÁLISE DOS CONTOS “PIÁ NÃO SOFRE, SOFRE?” E “NEGRINHA”

Cristina Löff Knapp¹

Resumo: O objetivo principal desse estudo é enfocar o tratamento dedicado às crianças do subúrbio nas narrativas da década 20 a 40, mais especificamente em um conto de Mário de Andrade intitulado “Piá não sofre, sofre?”, da obra *Contos de Belazarte* (1934), comparando-o com o tratamento dedicado a criança negra no conto “Negrinha”, de Monteiro Lobato, da obra *Negrinha* (1920).

O estudo do autor modernista torna-se relevante a fim de entendermos o tratamento dado por ele à sociedade paulistana, mais especificamente ao subúrbio, às mazelas que afligiam os esquecidos pela sociedade. A contística marioandradeana dá voz ao dominado. Vemos uma verdadeira miscigenação de raças. Na verdade, a partir dos contos do autor passou-se a entender essas histórias de outra forma. Pode-se dizer que seus textos foram uma inovação, alcançando a perfeição formal, termo este usado para caracterizar a última obra de contos, *Contos Novos* (1947).

Palavras-chave: literatura- exclusão social- dominante-dominado

Abstract: The main objective of this study is to focus on the treatment of suburban children in the narratives of the 1920 to the 1940's, more specifically in a short story by Mario de Andrade named “*Piá não sofre, sofre?*” from the book *Contos de Belazarte* (1934), comparing this child's treatment to the one in the short story “*Negrinha*” by Monteiro Lobato, in the book *Negrinha* (1920). The study of the modernist author is relevant making us understand how he treated the social reality of São Paulo, more particularly the suburban reality, the wounds which afflicted the ones forgotten by society. Mario de Andrade's short stories give voice to the dominated ones. A real miscegenation is what can be seen. In fact, through his stories it is possible to understand better his works. It could be said that his texts are innovative, reaching a formal perfection, expression used for his last book of short stories named *Contos Novos* (1947).

Keywords: literature - social exclusion - dominator - dominated

Mário de Andrade é um autor que poderíamos chamar de eclético, pois escreveu poemas, contos, romances, rapsódia, crítica literária e musical, além de sua vasta correspondência com muitos autores do meio nacional, sendo a mais conhecida com Manuel Bandeira. Quando estudamos o autor modernista não podemos fazê-lo desvinculado do movimento ao qual pertenceu sendo também um dos seus grandes fundadores: o Modernismo. A obra de Andrade,

¹ Professora e Coordenadora do Curso de Letras da Universidade de Caxias do Sul (UCS), Doutora em Literatura Comparada (UFRGS).

pode-se afirmar, é permeada por uma questão balizadora: a identidade nacional e o retrato da sociedade paulistana.

Ao retratar a sociedade paulistana e focar a identidade do povo o autor o faz utilizando alguns recursos em seus textos, um deles é a oralidade e a memória. O objeto de estudo de nossa pesquisa é um dos contos do autor que compõem a obra *Contos de Belazarte* (1934). Dessa forma, nosso intento é focar como é retratada a criança no subúrbio paulista no conto “Piá não sofre, sofre?”.

O recurso da oralidade que o autor modernista utiliza em *Contos de Belazarte* está associado à memória. É a ela que o autor recorre e é nela que guarda as histórias para recontá-las aos seus ouvintes. O livro em questão possui, como já afirmamos, um contador que ouviu as histórias de alguém e agora está narrando, em forma de texto escrito para os seus leitores. Temos, assim, a passagem do oral para o escrito. Como diz Ecléa Bosi, “a memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento” (BOSI, 1994, p. 39). É com base nesse fragmento que ficou daquilo que ouviu que Belazarte passará a narrar a sua história. Essas irão apresentar como pano de fundo alguns problemas da sociedade paulista da época. Ao fazer isso, colocam-se em evidência algumas questões identitárias. Isso porque a maioria das personagens pertence à classe menos favorecida da sociedade, refletindo, dessa forma, o mesmo tipo de postura diante de alguns acontecimentos. Segundo Irenísia Torres de Oliveira:

A ingenuidade de Aldo e Tino, de *Caim*, *Caim e o resto*, é a do ciúme cego e da violência; a de Dolores, de *Menina de olho no fundo*, é a da inconseqüência e volubilidade; a de Ellis, de *Túmulo*, *túmulo*, *túmulo*, a do servilismo canino; a de Teresinha, a da insensibilidade devida ao sofrimento; a de Paulino, a da infância pisada. Em todos eles, está ausente qualquer tipo de ponderação ou consciência, parecendo ser este o critério de representação. Que tipo de mediação estaria fazendo Mário entre esses vários tipos de “ingenuidade” (falar ingênuo, pensar ingênuo) e a brasilidade? Era como se o escritor devesse chegar a essa espécie de não consciência de si que havia no povo brasileiro (cuja peculiaridade existe, mas ainda não tem alma), aproximando-se dela por vários meios, temáticos e estilísticos, mas mantendo-se no controle de tal

gesto, com procedimentos conscientes e trabalhados (OLIVEIRA, 2008)²

Com a citação da professora Irenísia Torres de Oliveira é possível constatar exatamente isso. O foco dos contos do livro evidencia um subúrbio paulistano com todas as suas mazelas, a diversidade de raças convivendo e, principalmente, essa não consciência de si mesmo.

Um pouco disso tudo que foi afirmado acima vemos no conto “Piá não sofre, sofre?”. Nessa narrativa é importante ressaltarmos que uma das personagens, Teresinha já havia aparecido em outro conto do livro intitulado “Caim, Caim e o resto”. Aliás, no conto anterior o leitor é informado da triste vida de Teresinha, das dificuldades pelos quais ela passa, pois seu marido foi preso e a mulher passa a viver sozinha com os filhos.

No conto em questão, ficamos sabendo que a vida de Teresinha piorou ainda mais. O único filho que ainda lhe resta é Paulino. O outro morreu de tifo. Ela mora em um barraco com a mãe e o menino. A fome é algo constante nesse lar.

O foco da narrativa é a triste vida de Paulino. Há muitas descrições de como o menino lida com a fome e com a falta de afeto. Assim, diante de tantas dificuldades, a criança vai morar com a avó paterna. Lá não falta comida, contudo as agressões são as mesmas e até piores do que quando estava com a mãe. Continua sozinho e abandonado.

E a vida mudou de misérias pra Paulino, mas continuou a ser sempre miserável. Bóia melhorou muito e não faltava mais, porém Paulino estava sendo perseguido pelos vícios do matinho. Nunca mais a mulatona teve daqueles assomos de ternura do primeiro dia, era uma dessas cujo mecanismo de vida não difere muito do cumprimento do dever. Aquele beijo fora sincero, mas apenas dentro das convenções da tragédia. Tragédia acabara com ela a ternura também. E no entanto ficara muito em Paulino a saudade dos beijos... (ANDRADE, 1947, p. 113-4).

Notamos que embora Paulino tenha comida, o que não tinha quando estava com a mãe, permanece sofrendo, uma vez que lhe falta o principal, algo

² Texto consultado no CD dos Anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC 13 a 17 julho 2008.

que também o alimenta: o afeto. No trecho acima o narrador mostra que o menino estava sendo perseguido pelos vícios do matinho, ou seja, passa a comer terra. Isso tem uma consequência devastadora na vida da criança, pois quando a avó descobre aplica-lhe uma grande surra. A seguir, a doença de Paulino vai aflorar aniquilando-o cada vez mais. E mesmo doente continua a não receber os cuidados que deveria ter.

Certo dia, sentado à frente da casa da avó, sozinho como sempre, e mais doente, vê a mãe passar, agora toda bonita e arrumada, pois tinha virado uma mulher da vida. Paulino chama a mãe que vai conversar com o filho, mas ao invés de levá-lo com ela, segue seu caminho. Vejamos:

Paulino se levantou sem saber, com uma burundanga inexplicável de instintos festivos no corpo, Mamma! Ele gritou. Teresinha virou chamado, era o figliuolo. Não sei o que despencou na consciência dela, correu ajoelhando a sedinha na calçada, e num transporte, machucando bem delicioso até apertou Paulino contra os peitos cheios. E Teresinha chorou porque afinal de contas era muito infeliz. (...) Só depois é que sofreu pelo filho, horroroso de magro e mais frágil que a virtude. De certo estava sofrendo com a mulatona da avó... Um segundo matutou em levar Paulino consigo. Porém, escondendo de si mesma o pensamento, era incontestável que Paulino havia de ser um trambolho pau nas pandegas. Então olhou a roupinha dele. De fazenda boa não era mas enfim sempre servia. Agarrou nesse disfarce que apagava a consciência, meu filho está bem tratado, pra não pensar mais nele nunca mais. Deu um beijo na boquinha molhada de gosma ainda, procurou engolir a lagrima, figliuolo, não foi possível, apertou muito, beijou muito. Foi-se embora arranjando o vestido (ANDRADE, 1947, p. 118).

Assinalamos no trecho acima, a indiferença de Teresinha com o filho e a consequente tristeza do menino, jogado à própria sorte. Não é um menino de rua, visto que tem uma casa, mas é uma criança privada de afeto e carinho. Mário focaliza a temática da criança abandonada. Lembrando da perspectiva do livro *Contos de Belazarte* de focalizar o subúrbio paulistano com suas mazelas. Aqui a tristeza não é mais do adulto, da mulher que foi abandonada, que ficou falada no seu bairro, que casou e nunca foi feliz, mas sim da criança que sofre silenciosa, que é passiva, não consegue se defender. O tema choca o leitor, devido à dureza das descrições do menino Paulino, esquecido por todos.

Temos a infância retirada do seu silêncio e ganhando vida no espaço ficcional, algo pouco comum na literatura brasileira até então. Pode-se dizer que a temática do conto marioandradeano aponta para pesquisas futuras sobre o comportamento e a situação da criança na sociedade e como esta é vista por essa mesma sociedade, que até então suprimia e desconsiderava a infância. Paulino representa a miséria humana, num processo de urbanização que criou ambientes de pobreza. A miséria do garoto não é apenas material, visto que não carece só de comida, mas também de atenção, de brincadeiras. Pode-se dizer que o universo infantil de magia povoa somente os sonhos do menino. Segundo Márcia Gobbi em artigo publicado na revista *Múltiplas leituras* intitulado “*Conhecer infâncias brasileiras: meninos e meninas em contos de Mário de Andrade*”:

Ainda assim, considerando a miséria e a expondo em detalhes, Mário de Andrade não deixa de antever a incessante procura pela brincadeira, pelo universo da fantasia onde o menino Paulino encontraria e depositaria certo conforto longe das agruras de tratamento dado por todos da casa (...)O poder da infância e sua capacidade de criar soluções nas condições adversas é tratado pelo autor observando a mesma de acordo com suas especificidades, talvez nisso resida o mais peculiar nos escritos de Mário de Andrade sobre a infância: não distanciar-se daquilo que expõe a singularidade da criança e o que a difere do adulto (a). Não a identifica com organizações preocupadas com propostas comerciais, padrões de consumo nos quais as crianças se vêem como alvos constantes, tantas vezes caracterizadas apenas como consumidoras de culturas (GOBBI, 2010, p. 83-4).

Como a estudiosa afirma, a representação marioandradeana da criança mostra um ser muito indefeso, que está à margem da sociedade, na verdade, alguém que foi excluído do convívio social e esquecido por todos. Temos um indivíduo que não tem consciência do seu não lugar na sociedade e que simplesmente foi taxado como um estorvo por tudo e por todos. Na citação transcrita mais acima do conto no qual a mãe de Paulino o encontra e pensa em levá-lo com ela, mas em seguida imagina que será um estorvo, percebemos a banalidade da vida humana. O ser é tratado como um estorvo, algo que realmente não tem importância alguma. O mais chocante de tudo isso, como já afirmamos anteriormente, é que o ser oprimido nesse caso é um

ser indefeso, uma criança que necessita de outros para sua existência e não tem os cuidados e a consideração que deveria ter.

Além disso, não podemos esquecer-nos de comentar as expressões italianas utilizadas pela personagem Teresinha ao longo da narrativa como “figliuolo” e até mesmo “mama”, dito pelo menino. Na verdade, a intenção do autor é mostrar a diversidade cultural. É como se ficassem guardadas na memória das pessoas algumas expressões que caracterizam momentos significativos de sua existência. O fato de Teresinha conservar apenas algumas expressões também carrega um forte indício de sua identidade. Não se pode esquecer que mesmo marginalizada, sofrendo muito, ainda traz traços de sua origem, se estes não estão em seus costumes, pelo menos aparecem em algumas expressões. A estudiosa da memória Ecléa Bosi na obra *Memória e sociedade* aponta que “uma memória coletiva se desenvolve a partir de laços de convivência familiares, escolares, profissionais. Ela entretém a memória de seus membros, que acrescenta, unifica, diferencia, corrige e passa a limpo. Vivendo no interior de um grupo, sofre as vicissitudes da evolução de seus membros e depende de sua interação” (BOSI, 1994, p. 408-9). É por isso que Teresinha mantém apenas algumas evidências de sua origem italiana, que estão conservadas justamente na linguagem, no uso de algumas expressões. Conforme assinala Maria Caterina Pincherle no artigo “*O linguajar multifário*”: os estrangeiros e suas línguas na ficção de Mário de Andrade:

O exame da ficção de Mário de Andrade mostra um paralelo entre a presença da fala “outra” no tecido da narração em português e o peso efetivo do personagem estrangeiro no contexto brasileiro. Cada diferente modo de inserção do imigrante no cotidiano brasileiro corresponde a um diferente modo de olhar o país de acolhida e com ele estabelecer relações — portanto, de deixar interagir a língua-mãe com a do novo país. Mário aproveita cada triângulo povo-língua-caráter de forma matizada e originalíssima, tornando a presença da língua estrangeira — italiano, alemão e francês — um recurso estilístico precioso, totalmente inédito até então. (PINCHERLE, 2008, p.119)

Constatamos, com a citação acima, como Mário de Andrade utilizou esse recurso em seus textos. Sua intenção era dar voz ao subúrbio paulistano e mostrar a participação do imigrante italiano na constituição da sua identidade

cultural. Ao fazer isso, eles ganham voz, visto que compunham uma das etnias que constituem a nação. Dessa forma, as narrativas trazem expressões italianas, típicas da identidade desse povo e que ficavam na memória coletiva dessas pessoas. Por isso, Teresinha chama Paulino de “figliuolo”. E, como disse Pincherle, ao inserir essas expressões no conto, Andrade está fazendo algo inédito até então.

Não era comum as narrativas da época, ao descreverem os imigrantes, utilizarem expressões típicas desses povos. Dessa forma, o conto marioandradeano está apresentando uma inovação, típica de seu grande trabalho de pesquisa pelo resgate da identidade nacional. Claro que Mário não foi o único a fazer isso, pois Antonio Alcântara Machado, mais tarde, também irá inserir a fala dos imigrantes em seus contos.

Outro fato que chama atenção nesse recurso utilizado por Mário de Andrade de uso de palavras estrangeiras é a garantia da identidade de cada indivíduo. Os estrangeiros vieram para o nosso país, aprenderam de nossa língua, contudo mantiveram alguns recursos que lembram a sua origem, como o uso de algumas expressões. Se a perspectiva de Andrade era conservar nos *Contos de Belazarte* a linguagem oral, próxima do povo, o uso de algumas palavras, como “figliuolo” só vem corroborar o seu projeto inicial. Citando mais uma vez a professora da Universidade de Roma Maria Caterina Pincherle, o uso de mais algumas palavras dirigidas ao menino Paulino nada tem de carinho, tais como “Stá zito”, “guaglion”! “Que stá zito, muito pelo contrário, marcam momentos de rejeição da parte da mãe à criança, e denotam de certa forma construções mais simples da língua italiana. Para a professora:

... Aqui, a minúscula imperfeição do termo “guaglione”, significando “piá”, “moleque”, lexicalmente ligado à área napolitana, mas com o inverossímil truncamento - *on* típico do Veneto (correto seria *guaglio*'), mostra uma descoberta da língua italiana por parte de Mário diretamente através da mistura dos dialetos falados na cidade, uma aprendizagem feita na rua e “bricolada” longe do ambiente *livesco*. Quanto à grafia, esta oscila entre a correta italiana (*gl* para a pronúncia *lh*) e a portuguesa (*zito* para *zitto*) (PINCHERLE, 2008, p. 124).

Isso tudo converge para o projeto de Mário de dar voz às camadas

populares, Teresinha é a típica representante do subúrbio paulista. São personagens que representam a coletividade, todavia guardando para si problemas individuais. Como a própria estudiosa Maria Caterina Pincherle elucida “é como se os personagens, além de terem um destino individual ligado às histórias pessoais de cada um, vivenciassem um “destino coletivo”, construído no âmago da estrutura da obra” (PINCHERLE, 2008, p. 121).

Interessante é o título da história com a pergunta “ Piá não sofre? Sofre”. Na verdade, o questionamento já vem com a resposta: sofre sim. Pensa-se, dentro do senso comum que no do universo de pureza e fragilidade infantil não pode haver tristeza, e talvez seja por isso que o conto de Andrade seja tão comovente. A criança sofre, e muito, e isso choca os adultos. Ela é apenas uma vítima dos atos da sociedade adulta, uma criança indefesa que não consegue se defender das ações do grupo social no qual está inserido. E todos, de certa forma, descarregam sua raiva em cima da criança. Nas palavras de Júlia M. Polinésio:

Paulino é, no grupo social em que está inserido, a maior vítima, o ser indefeso sobre o qual todos descarregam o seu rancor. Mas os carrascos são vítimas, também, no círculo fechado da miséria em que não há espaço para bons sentimentos. O menino, que está no degrau mais baixo da escala social, suporta as pressões de todos os que lhe estão acima; por sua incapacidade de defesa, inocente atração para agredir, constitui a válvula de escape ao ódio dos adultos, vítimas por sua vez, da injustiça e da opressão. A consciência por parte do autor, da impossibilidade de solução para esse círculo cruel, transforma-se na raiva narrativa que permeia todo o conto mas que, percebe-se, nada mais é do que compreensão e amor (POLINÉSIO, 1994, p. 99-100).

Salientamos que a temática da criança como uma vítima dos maus tratos dos adultos também pode ser enfocada no conto “Negrinha”, que integra a obra homônima, de Monteiro Lobato datada de 1920. Frisamos que o enfoque de Lobato é a criança negra, filha de escravos que fica sem lugar algum na sociedade. Contudo, a aproximação com Paulino dá-se pela forma como a menina é tratada pelos adultos, com total indiferença e como um verdadeiro “saco de pancadas”. Tanto Lobato como Andrade deixam transparecer a crueldade com os indefesos e isso choca o leitor.

O impacto que ambos os contos causam no leitor ocorre através da técnica narrativa. O conto marioandradeano trabalha com um narrador que tem um viés de contador. Belazarte contou a história que será reproduzida em forma de conto. Essa técnica favorece a aproximação do leitor com o objeto narrado causando maior impacto e tornando o texto mais intenso. Conforme afirma Polinésio:

A diferenciação do narrador, que como dissemos, geralmente o distancia do seu objeto, é aqui neutralizada pela profunda observação, pela penetração na matéria narrada: o narrador se debruça sobre seu personagem, lhe esmiúça os sentimentos, representa-o não para fazer dele um símbolo, mas para retratar e compreender o pequeno ser que sofre. Dessa maneira o personagem torna-se vivo, penetra no nosso mundo e incomoda nossas consciências (POLINÉSIO, 1994, p. 99).

Tanto a personagem Paulino quanto Negrinha parecem adquirir vida e incomodar as nossas consciências, como se buscássemos, em nosso passado, ou melhor, no passado histórico de nosso país a lembrança desses castigos sofridos por eles. No período da escravidão, os negros também eram objeto de violência e sofreram muito com os castigos extremamente cruéis que receberam. As crianças, filhas dos escravos não tinham infância e eram maltratadas também pelas crianças filhas dos grandes fazendeiros.

Negrinha representa a criança que foi esquecida após a abolição da escravatura. Não tinha pai nem mãe, foi esquecida ali na fazenda e foi ficando, recebendo os maus-tratos de uns, ora de outros. Já Paulino, também é um esquecido. Sua mãe não tem condições de criá-lo e a avó, vê o menino como um estorvo.

Dessa forma, é possível afirmarmos que ao lermos essas narrativas nos vem a mente as lembranças dos castigos sofridos pelos antepassados. Para Ferreira e Orrico:

É a partir da linguagem e de sua manifestação nos diálogos do cotidiano, nos textos e nas imagens que construímos as referências que viabilizam a existência da memória e que nos permitem que nos identifiquemos como membros deste ou daquele grupo social. Em outras palavras, utilizamo-nos da língua e de outros sistemas de significação socialmente

construídos para elaborar os significados, as representações que dão sentido à nossa existência (FERREIRA & ORRICO, 2002, p. 08).

Na citação acima de Ferreira e Orrico constatamos que a nossa memória ativa lembranças que são expressas pela linguagem, reavivando algo às vezes já esquecido. O conto de Andrade faz justamente isso, ou seja, nossa memória é ativada e parece que passamos a reviver os castigos e crueldades da época da escravidão, no caso de Negrinha, e das crianças que não tinham pais ou eram renegadas (no caso de Paulino). Tudo isso desperta nos leitores o repúdio às injustiças e aos maus-tratos aos indefesos. Ecléa Bosi elucida que “cada geração tem, de sua cidade, a memória de acontecimentos que permanecem como pontos de demarcação em sua história” (BOSI, 1994, p. 418). Talvez seja por isso que as narrativas de Lobato e Andrade nos incomodam. Em nossas lembranças, os maus-tratos às crianças indefesas são atos que revoltam pela covardia de quem os pratica. O interessante é que a temática da violência contra crianças era escassa dentro da literatura. Era como se tudo fosse aceito como natural e por isso não merecendo atenção e ficando ausente em grande parte da contística brasileira. Como a intenção de Mário era focar as mazelas do subúrbio paulistano, a história de Paulino agiganta-se e transforma-se em uma das mais comoventes do livro *Os contos de Belazarte*.

Retomando a comparação com o conto de Lobato, também desse período, vemos que há entre eles uma grande diferenciação: a mudança de comportamento dos opressores perante as crianças. No conto de Lobato, a personagem Negrinha é maltratada pela dona da casa, Dona Inácia, e por todas as pessoas que lá moravam; a menina era um verdadeiro “saco de pancadas” de todos da casa, recebendo desde beliscões até castigos mais cruéis como engolir um ovo fervendo em banha. Os castigos da menina são mais intensos e perversos que os castigos de Paulino. Contudo, Negrinha vive um momento mágico, tem a piedade da dona da casa, que a enxerga como uma criança e a deixa brincar com suas sobrinhas.

A partir desse evento, a menina, como o próprio narrador lobatiano diz, percebe que tem alma e, por tomar consciência disso,, acaba morrendo de

tristeza; para sempre ficou guardado em sua lembrança as férias com as sobrinhas de Dona Inácia, e, principalmente, a boneca com a qual foi-lhe permitido brincar.

Esse acontecimento diferencia Negrinha de Paulino. O menino não conheceu a piedade de ninguém. Nem mesmo sua mãe que ao encontrá-lo aniquilado cogita levá-lo com ela, mas se lembra que isso poderá ser um obstáculo na nova vida que está levando. Assim, ele permanece sozinho e sofrendo cada vez mais com a doença. O mais alarmante de tudo é a indiferença dos adultos diante do estado de saúde do menino. A criança vai piorando, sua avó limita-se a lhe dar um xarope, mas tudo permanece na mesma, visto que o remédio não fez o efeito desejado e a tosse do menino foi piorando cada vez mais tirando as suas forças, como pode-se ver no fragmento abaixo:

O coitado nem bem sentia a garganta arranhando, já botava as mãozinhas na cabeça, inquieto muito! Engolindo apressado pra ver si passava. (...) Ele arranjava jeito de criar força no medo, ia. Vinha outro acesso, e Paulino deitava, boca beijando a terra mas agora sem nenhuma vontade de comer nada. Um tempo estirado passava. Paulino sempre na mesma posição. Corpo nem doía mais, de tanto abatimento, cabeça não pensando mais, de tanto choque agüentado. Ficava ali, e a umidade da terra ia piorar a tosse e havia de matar Paulino (ANDRADE, 1947, p. 116-7).

Constatamos na citação do conto acima a indiferença em relação à doença de Paulino. Os adultos da casa, sua avó e as filhas, eram impiedosos, pois além de não o medicar ou de levá-lo ao médico, apenas mandavam o menino ir tossir na rua, pois estava sujando a casa. O autoritarismo dos dominadores, no caso a avó e as tias, acaba aniquilando a existência da criança. Não podemos esquecer que sua mãe é conivente com tudo isso, pois quando o vê nesse estado fica tentada a levá-lo com ela, mas lembra que a presença do menino iria atrapalhar sua vida. Todos os adultos têm a sua parcela de culpa no esquecimento e na marginalização total de Paulino e na prática dos maus tratos sofridos pelo menino.

Dessa forma, notamos que o conto marioandradeano traz um narrador que conta a história com sentimento e emoção, obrigando o leitor a vivenciar

de perto a história que está sendo narrada. Na verdade, a trama possui tamanha veracidade que o leitor sofre com o aniquilamento da personagem. O drama de Paulino é acompanhado pelo leitor bem de perto, vive-se aquilo, sente-se raiva quando o menino é maltratado, sentimos pena quando está sozinho e desamparado. Terminamos o conto com gosto amargo na boca, com nó na garganta em razão do abandono total do menino. Mário descreve a cena de modo magistral, usando cores e algo muito marcante de seu traço narrativo: a beleza estética

Paulino de- pezinho, sem um gesto, sem um movimento, viu afinal lá longe o vestido azul desaparecer. Virou o rostinho. Havia um pedaço de papel de embrulho, todo engordurado, rolando engraçado no chão. Dar três passos pra pegá-lo... Nem valia a pena. Sentou de novo no degrau. As cores da tarde iam cinzando mansas. Paulino encostou a bochecha na palminha da mão e meio enxergando, meio escutando, numa indiferença exausta, ficou assim. Até a gosma escorria da boca aberta na mão dele. Depois pingava na camisolinha. Que era escura pra não sujar (ANDRADE, 1947, p. 119).

O vestido azul que vai desaparecendo é da mãe de Paulino, Teresinha, que desaparece da vida do menino. A beleza da cena descrita acima está na junção de opostos, a delicadeza da mãozinha encostada ao rostinho, com o aniquilamento da criança que não tem mais forças para brincar, correr atrás do papel de embrulho que fazia movimentos engraçados. Tudo cinza como ia ficando a tarde e como era a camisolinha do menino. Tudo relacionado, vida sem sentido, cinza, aniquilamento total do ser humano. Focalização de mini-tragédia do subúrbio que chegou junto com a modernização das cidades. Paulino pode ser considerado um dos primeiros meninos de rua da literatura, abandonado pela família e pela sociedade.

As duas personagens aqui focalizadas são, portanto, vítimas indefesas da violência praticada no interior dos lares, ficando clara a sua incapacidade de reagir e de tomar qualquer tipo de ação que as libertasse das garras dos seus algozes, e o seu destino, nessas circunstâncias, só poderá ser a aniquilação total e a morte inevitável

Referências

ANDRADE, Mário de. *Os contos de Belazarte*. São Paulo: Martins Editora, 1947.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança dos velhos*. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FERREIRA, Lucia M. A.; ORRICO, Evelyn G. D. *Linguagem, identidade e memória social: novas fronteiras, novas articulações*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

GOBBI, Márcia. Conhecer infâncias brasileiras: meninos e meninas em contos de Mário de Andrade. *Revista Múltiplas Leituras*, São Paulo, v.3, n.1, p. 70-85, jan./jun. 2010.

OLIVEIRA, Irenísia Torres de. *Subúrbio e modernização: os Contos de Belazarte, de Mário de Andrade*. São Paulo, 2008. Anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC 13 a 17 julho 2008 .

PINCHERLE, Maria Caterina. O linguajar multifário: os estrangeiros e suas línguas na ficção de Mário de Andrade. *Revista IEB*, São Paulo, n.47, p. 115 a 137, set.,2008.

POLINÉSIO, Júlia Marchetti. *O conto e as classes subalternas*. São Paulo: Annablume, 1994.